

## risco

Ilustrações de Cavalcante

## Uma maneira particular de fluir

Carlito Azevedo

Leila Danziger nasceu no Rio de Janeiro. Tornou-se, primeiramente, artista plástica, quando, segundo suas próprias palavras, “colidiu” com a Shoah e a memória da Segunda Guerra: “De outro modo, acho que teria sido uma designer razoavelmente feliz”, diz ela. Só depois veio a poesia. E ali, também, prefere descartar a felicidade razoável do pré-formatado e buscar uma maneira particular de fluir. Não tem livro de poemas publicado.

Joseph

## Joseph

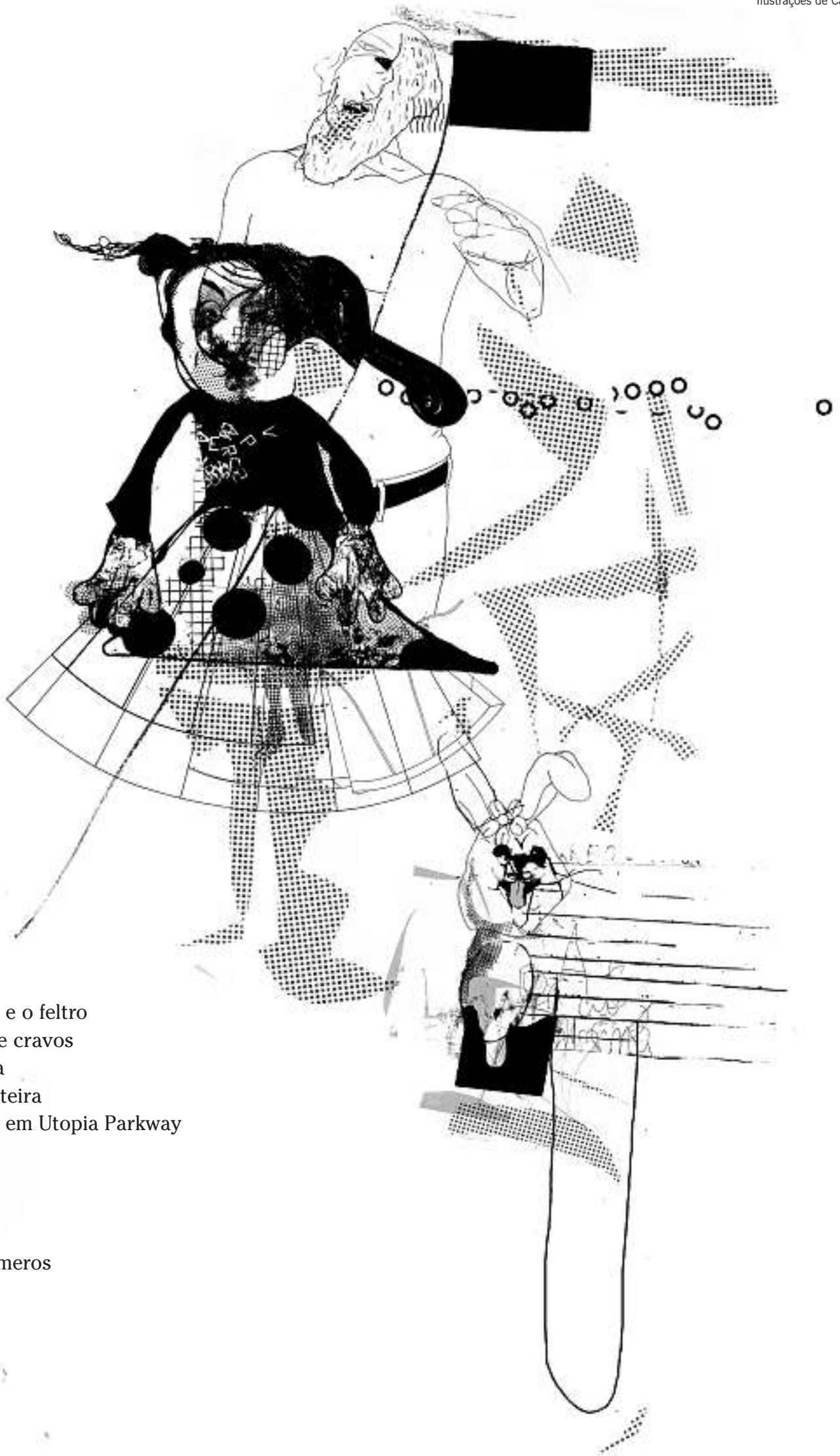
1

certa vez  
Joseph Beuys cobriu o rosto  
com ouro e mel  
sentou-se e explicou pinturas a uma lebre morta  
a cada semana  
eu me sento com os braços vazios  
e preferia nada ter que explicar a ninguém  
não sei se estão mesmo vivos os que me ouvem  
exaustos  
inaugurais e tardios  
seres turvos  
antes das dez da manhã  
também eu  
a cada semana  
preferia apenas dizer —  
eu creio  
— em pedaços de basalto entre a gordura e o feltro  
— em pessoas que dançam num campo de cravos  
— em explicar pinturas a uma lebre morta  
— em Joseph Cornell que morou a vida inteira  
em Utopia Parkway

2

um outro Joseph foi o avô de meu filho  
ele anotava pequenas séries de cinco ou seis letras e números  
com sua caligrafia minúscula  
todos os dias a mesma coisa  
era importante saber quantos compassos  
de uma canção medieval  
foram aproveitados por Wagner  
algumas décadas antes da noite polar  
quando a escuridão tornou-se permanente  
24 horas por dia  
Joseph sabia de cor  
as oscilações do rio Reno  
que encontram as águas do Mosel  
na cidade onde viveu  
eu me interessei mais  
pelas impurezas do Danúbio  
pelas cheias do dilúvio  
e experimento uma extensa gama  
de afetos insolúveis  
pelas gerações  
— de humanos e bichos —  
engendradas desde Noé

Poemas de Leila Danziger



## A tradução é necessária

Rebecca Horn

Já que tratamos de artistas plásticos que escrevem poesia, aqui vai, em tradução da própria Leila Danziger, um belíssimo poema de Rebecca Horn, a artista plástica alemã, nascida em 1944, com cujos trabalhos, até poucas semanas atrás, podíamos conviver na bela exposição “Rebelião em silêncio”, organizada pelo Centro Cultural Banco do Brasil. “O banho em espiral” é um belíssimo poema entre migração e sobrevivência, entre busca da miragem do passado e busca da miragem do futuro, mais do que um poema “sobre” isso. (Carlito Azevedo)

## O banho em espiral

No hemisfério sul de nossa terra  
existe um tipo relativamente comum de pássaro migratório  
Eles se reproduzem com tanta rapidez  
que apenas um truque da natureza nos livra de um pesadelo  
A cada ano, em bando  
eles escurecem o céu da África Ocidental  
onde se reúnem para seu passeio sobre o Atlântico  
Apenas um décimo alcança a costa da América do Sul  
noventa por cento cai exausto sobre o Atlântico  
Suspeita-se que no meio do oceano  
exatamente ali,  
onde segundo os geólogos  
há milhões de anos  
a África se separou da América do Sul  
esses pássaros começam a girar em círculos  
Procuram sua terra onde ela não existe mais  
Seu instinto — sobrecarregado por milhões de anos — os conduz à morte  
Apenas os insensíveis alcançam o continente.

Poema de Rebecca Horn

